



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA  
MONOGRAFIA EM LITERATURA

ENTRE DOIS MUNDOS: A DIFÍCIL CONSTRUÇÃO DE  
IDENTIDADE EM *OS FRUTOS DA DOR* DE TAHAR BEN  
JELLOUN.

SANDRA CLÁUDIA MARTINS

Brasília, 2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

MONOGRAFIA EM LITERATURA

ENTRE DOIS MUNDOS: A DIFÍCIL CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM *OS FRUTOS DA DOR* DE TAHAR BEN JELLOUN.

Trabalho apresentado para conclusão da disciplina Monografia em Literatura e para a conclusão do curso de bacharelado em Letras Português da Universidade de Brasília no primeiro semestre de 2013.

Orientadora: Professora Doutora Cláudia Felícia Falluh Balduino Ferreira.

SANDRA CLÁUDIA MARTINS

Brasília, 2013

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus, em quem acredito e a quem atribuo todas as coisas boas da minha vida. Aos meus pais, que acreditaram que a imigração seria a condição necessária para realização dos sonhos e projetos da família. A minha irmã Noélia, que acreditou e continua acreditando que a imigração não é condição para impedir a realização de sonhos e projetos de vida. Aos demais familiares, pela compreensão e apoio incessante. Aos amigos, pela compreensão. Aos professores, durante a dura jornada da graduação.

## Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>06</b>
<b>2. A noção de cultura e de identidade nas ciências sociais.....</b>	<b>08</b>
<b>2.1 A noção de cultura nas ciências sociais.....</b>	<b>08</b>
<b>2.1.1 Aculturação .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1.2 Contracultura.e subcultura.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 A noção de Identidade nas ciências sociais.....</b>	<b>16</b>
<b>3. Dois mundos, várias culturas, várias identidades.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Um breve histórico da Argélia e sua cultura.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2 A França e sua cultura ocidental.....</b>	<b>21</b>
<b>4. Os conflitos de identidade em Os frutos da dor.....</b>	<b>23</b>
<b>4.1 O mundo árabe versus mundo ocidental.....</b>	<b>24</b>
<b>4.2 Nadia.....</b>	<b>26</b>
<b>4.3 A família de Nadia.....</b>	<b>28</b>
<b>4.4 A comunidade de Nadia.....</b>	<b>29</b>
<b>5. Conclusão.....</b>	<b>31</b>
<b>6. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>32</b>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar de forma panorâmica as questões que tratam da crise de identidade de uma comunidade vista a partir da obra do consagrado escritor marroquino Tahar Ben Jelloun, *Os frutos da dor*. Trata-se da história de filhos de imigrantes argelinos nascidos na França nos anos 70 logo após diversas ex-colônias francesas da África se tornar nações independentes. O objetivo é fazer uma análise da conflituosa busca pela integração dessa geração que vive o drama do não pertencimento. De todos os conflitos encontrados os mais evidentes são os de identidade cultural e de inclusão social, onde são retratadas as condições de jovens e adultos vivendo com as marcas da dor, dor originada na necessidade de migração, na perda de valores que os referenciava como povo, na falta de reconhecimento da importância desse grupo na sociedade, e dentre tantos outros, na perturbadora certeza de que é parte de um problema, ou ainda, que constituem, eles mesmos, este problema. Todos esses fatores somados a uma crise política institucional e uma crise de identidade global iminente, geram as tensões narradas por Nadia, personagem principal da obra que impactou com seu modo de pensar e de agir essa geração desorientada, mas que se consolidando de maneira irrefutável.

***Palavras-chaves:*** *identidade; cultura; conflito; busca; inclusão.*

## Introdução

Este trabalho surgiu a partir da leitura da obra *Os frutos da dor*, de Tahar Ben Jelloun, e do interesse pelo tema que trata de estrangeiros vivendo em terras distantes. Somados ao instigante tema, havia também o interesse por estudos antropológicos que envolviam o processo de formação de identidade de um povo. Interesse surgido com os estudos em Literatura que traz em vários autores e críticos a difícil questão que envolve a necessidade imperiosa de aprender e cultivar novos hábitos, criar novas estratégias para lidar com toda sorte de empecilhos, sejam eles de níveis socioculturais, linguísticos, econômicos e por fim, individuais e/ou coletivos.

No entanto, trataremos nessa monografia mais especificamente da busca pela identidade no seu âmbito coletivo, comunitário. Isso não quer dizer que deixaremos de mencionar a busca individual, ao contrário, sua inclusão no trabalho de pesquisa é fundamental para a compreensão do processo como um todo, uma vez que a narrativa dos conflitos coletivos perpassam os conflitos individuais. Contudo, o enfoque em questões coletivas se devem ao fato desses exporem de forma pormenorizada as ações, pois estas são ações de um grupo, de uma geração.

O trabalho contém em sua primeira parte um breve levantamento dos conceitos de cultura e de identidade propostos por teóricos da sociologia e antropologia. Esta inclusão foi indispensável pela necessidade de delimitar o que seria cultura e o que seria identidade, conceitos muito próximos, mas, que não significam as mesmas coisas.

Há também um capítulo dedicado a história da Argélia e um pouco das características culturais que formam esse país. Todo esse capítulo, porém, não é uma análise, mas apenas de um breve levantamento histórico e cultural para melhor situar o leitor que não conhece as origens desse povo e seus hábitos. Isso foi necessário para melhor compreender a situação dos imigrantes argelinos na França tratados neste trabalho.

Logo após, o trabalho passa diretamente para a análise da obra, dos seus personagens e daquilo que caracteriza nela o conflito da busca pela identidade. Sem se deter muito na figura do autor, o trabalho mostra de forma resumida o que configura em sua obra conflitos de natureza cultural ou de identidade, com um breve levantamento das marcas de busca pela identidade em sua obra. Decidimos não incluir a biografia,

pois se trata de um autor consagrado e que possui informações disponíveis em sítios e acervo de bibliotecas importantes. Destacamos, porém, que em suas obras, os conflitos de identidade tanto em níveis individuais ou coletivos são características marcantes, que fazem de seus personagens figuras emblemáticas e muitas vezes alegóricas, capazes de transmitir firmeza em decisões ao mesmo tempo em que exibem embaraços psicológicos. Com enredos carregados de temas polêmicos apresenta críticas à sociedade e mostra as feridas causadas pelo desequilíbrio emocional de personagens habitantes de mundos.

A análise literária da obra segue começando pela apresentação dos personagens principais, Nadia, seu pai, sua mãe e sua comunidade, trazendo o que cada um deles apresenta como conflito de identidade. Juntamente com a eles, trazemos também alguns personagens secundários que são importantes para a exposição do tema, além de um breve resumo da obra. E finalmente, concluímos relacionando a análise da obra com os conceitos já expostos, em que as marcas dos conflitos serão apresentadas.

## **2. A noção de cultura e de identidade nas ciências sociais**

Os conceitos de cultura e de identidade apesar da proximidade entre si e de serem muitas vezes associados, são distintos. Para ser possível compreender esses dois conceitos, é necessário primeiramente, definir cada um, compreender o que cada conceito tem em comum e o que cada conceito tem de distante.

Por cultura, entende-se de maneira muito geral, como conjunto de ações, hábitos e comportamentos que determinam as diferenças entre seres humanos, ou de outro ponto de vista, conjunto de conhecimentos, crenças, leis costumes adquiridos pelo homem quando membros de uma comunidade.

A identidade, porém, apesar de determinar diferenças e representar também um conjunto de traços definidores de um grupo, está mais ligado ao indivíduo.

### **2.1. A noção de cultura nas ciências sociais**

Para Denys Cuhe (1999), doutor em etnologia pela Sorbonne e pesquisador da Universidade Paris V, cultura é a forma de pensar a unidade da humanidade na diversidade, é o que responde de maneira mais satisfatória as diferenças entre os povos, já que as diferenças biológicas não dão conta dessas respostas. É a partir da cultura que o homem pode se adaptar ao meio e adaptar o meio as suas necessidades, causando a transformação de seres instintivos e biológicos em seres culturais, e assim, estabelecendo diferenças e transformações a partir de escolhas, de seres que possuem a mesma natureza genética. Em sua obra *A noção de cultura nas ciências sociais*, as várias noções de cultura despontam e trazem a contribuição de diversos nomes importantes dentro das ciências sócias.

A própria gênese da palavra cultura tem uma história à parte. Usada na língua francesa para o cuidado com o campo e o gado, a palavra teve seu sentido figurado, o de cultivar as faculdades intelectuais e desenvolvê-las utilizada no século XVI até se transformar no significado que tem hoje. Foi o britânico Edward Burnett Tylor quem primeiro introduziu essa palavra sem seus escritos, (CUCHE, 1999), mesmo assim, não foi muito empregada até o século seguinte. No Iluminismo o termo passa a fazer parte do vocabulário e passa a designar formação e educação do espírito, a soma de saberes acumulados e transmitidos pela humanidade.



Próxima do conceito de cultura, a palavra “civilização” assume na França a partir do século XVIII o significado de cultura. Termo que denota uma superioridade por parte dos “civilizados”, não é largamente aceito em toda a Europa, tendo, por exemplo, na Alemanha, a palavra *Kultur* utilizada em oposição à “civilização” dos franceses. E até século XIX esses dois termos vão seguir numa afirmação da rivalidade entre esses dois países, cada qual em seu ideal nacionalista.

Mas em pelo menos um aspecto o conceito de cultura é o mesmo para todos os estudiosos. Cultura se aprende, se adquire. Os fundadores da etnologia ainda que de forma essencialmente descritiva, apresenta a cultura como um conjunto de hábitos aprendidos e desenvolvidos a partir de um grupo. E essa ideia de cultura entre os fundadores da etnologia francesa ocorre com o desenvolvimento das ciências sociais, sendo a sociologia considerada como disciplina científica. A etnologia, porem, era tratada como ramo da sociologia e não havia inicialmente um conceito científico de cultura no início da pesquisa francesa. Isso porque, os pesquisadores preferiam o uso do termo civilização, pois para os franceses o termo cultura possuía uma carga semântica muito próxima de um sentido elitista que remetia à acepção intelectual nacional, ou seja, se referia particularmente ao indivíduo, ao sujeito culto.

Outra abordagem da cultura, proposta pela antropologia e com Durkheim como seu maior representante, tinha como objetivo a compreensão social em todas as suas dimensões e por isso a dimensão cultural estaria incluída nessa compreensão por meio de todas as formas de sociedade. Apesar de não utilizar o termo cultura, pois traduzia seus artigos para o termo civilização, Durkheim entendia a civilização como a ideia de pluralidade sem desconsiderar a humanidade como um todo, para ele, todas as civilizações contribuíam com a civilização humana, pois, “A civilização de um povo não é nada além de um conjunto de seus fenômenos sociais; e falar de povos incultos, sem civilização, de povos naturais, é falar de coisas que não existem.” (O Ano Sociológico tomo IV, 1901, p. 141).

O pensamento de Durkheim sobre os aspectos culturais eram que não havia cultura superior à outra, ou seja, mantinha a concepção de relatividade cultural que vinha de seu pensamento geral sobre a sociedade, cada sociedade possuía seu nível de desenvolvimento. Na verdade, na sua antropologia o conceito de cultura é praticamente ausente, mas ainda assim, dentro das ciências sociais fez sua interpretação de cultura.

Nada nos autoriza a acreditar que os diferentes tipos de povos vão todos no mesmo sentido; alguns seguem caminhos muito diversos. O desenvolvimento humano deve ser ilustrado não sob a forma de uma linha em que as sociedades viriam se colocar umas depois das outras com se as mais avançadas não fossem senão a continuação e a sequência das mais rudimentares, mas como uma árvore com ramos múltiplos e divergentes. (O Ano Sociológico tomo IV, 1901, p. 141).

Para Lévy-Bruhl, a concepção de cultura seguia uma abordagem diferencial, as diferenças culturais estavam no centro de sua reflexão. O que entedia sobre diferenças culturais não era a diferença de “mentalidade” que vinha da teoria da evolução unilinear e a tese do progresso mental que ele refutava. Opunha-se à ideia de “primitivos” quando se tratava de sociedades de cultura oral e contestava a concepção de unidade do psiquismo humano em que havia uma única forma de funcionamento. Suas discordâncias com outros pesquisadores da época, no início do séc. XX trouxe uma importante contribuição sobre a alteridade e identidades culturais.

O conceito de cultura enfim começou a se delinear no momento em que a etnologia começou a progredir, sobretudo com os estudos desse tema nos Estados Unidos, onde o conceito foi bem recebido e ganhou os contornos do que é hoje, de que a cultura não é genética, é algo adquirido, é o produto da interação humana em diversos ambientes sociais. É na antropologia americana que vai haver o aprofundamento dos estudos sobre cultura. Falar de antropologia americana é quase o mesmo que falar de antropologia cultural, e esse conceito foi favorecido pelo contexto americano por ser este considerado um país de imigrantes. O ser humano constrói, transforma, muda os elementos que compõe a cultura: as ideias, os valores, as crenças e os comportamentos.

Dentre os principais estudos de cultura dos teóricos americanos, destacamos os conceitos mais próximos dos objetivos da nossa pesquisa, de tentar relacionar os conflitos de uma comunidade marcada pela busca de uma marca que os identifique. Os que se aproximam desse objetivo são os estudos de Franz Boas, Ruth Benedict, Lévi-Straus, Margareth Mãe e Branislaw Malinowski. Apesar da vasta relação de estudiosos que poderíamos citar, é necessário restringir os nomes, pois além de prolongar a pesquisa, poderíamos nos distanciar do foco. Desse modo, alguns dos principais pontos dos conceitos desses autores são apresentados de maneira concisa para que se delimite a noção de cultura e de identidade ao longo de sua trajetória, e finalmente passemos a introduzir a análise da obra.

Com o americano Franz Boas a pesquisa sobre aculturação e trocas culturais por empréstimos e inovações culturais teve como destaque as ideias de igualdade racial, que influenciaram antropólogos como Ruth Benedict e Margaret Mead, por exemplo. Foi considerado o pai da Antropologia contemporânea e muito disso se deve a visão que tinha de que cada raça era capaz de desenvolver civilizações nos níveis das civilizações Europeias, e apesar de partir de teorias preconceituosas que estabelecia raças diferentes para seres humanos, Boas reconhecia que cada sociedade possuía sua singularidade. Logo, a cultura era fruto dessa singularidade exercida por cada grupo/povo independentemente de raça. Com isso contrapunha as ideias evolucionistas que afirmavam que culturas não caucasianas eram culturas inferiores. Assim, ele organiza o conceito de “culturas”, com ele, os estudos sobre as dimensões históricas dos fenômenos culturais e vão tentar mais tarde explicar os processos de distribuição cultural por meio de conceitos como “área cultural” e “traço cultural”.

Branislaw Malinowski foi o fundador da escola funcionalista da antropologia social, seu estudo estabelecia que nenhum traço tem significação se não estiver relacionado com a instituição a que pertence. O objeto da antropologia é o estudo das instituições e das relações ente elas, e não o estudo de fatos culturais isolados, além disso, no que se refere ao indivíduo, este possui um conjunto de necessidades psicológicas que determinam imposições fundamentais. É a cultura que responde funcionalmente esses imperativos sociais.

Seu posicionamento em relação aos conflitos de sua época foram respondidos pela firmeza de suas concepções, sem repudiar os ideais nacionalistas e ao mesmo tempo refutando o que segundo ele era especulações evolucionistas. Investigou com determinação o povo Mailu e Trobriand da Austrália deixando como maior contribuição para a Antropologia o desenvolvimento da investigação em campo.

Ainda com os representantes americanos da Antropologia cultural, seguimos com Ruth Benedict e Margaret Mead. Discípulas de Franz Boas, acreditavam que os estudos antropológicos eram importantes para a compreensão das formas de educação, alertando para o fato de que tínhamos um modelo pedagógico. Benedict afirmava que toda a cultura é corrente, pois está de acordo com os objetivos por elas buscados, e por isso, ligados às suas escolhas, é a ideia do *pattern* (modelos culturais).

A história de vida do indivíduo é, antes de tudo, uma acomodação aos padrões e modelos tradicionalmente transmitidos por sua comunidade. Desde seu nascimento, os costumes moldam suas experiências e sua conduta. Quando começa a falar, ele é um produto da sua cultura, e quando cresce e pode tomar parte nas atividades coletivas, faz dos hábitos da comunidade os seus hábitos, das crenças da comunidade, as suas crenças e das impossibilidades de sua comunidade, as suas impossibilidades (BENEDICT, 1934:2-3)

Com sua definição de tipos culturais, lançou a hipótese de existir um arco cultural, que incluiria todas as opções culturais possíveis, sendo que cada grupo seguiria as orientações gerais e suas escolhas. Seu texto *Raça, Linguagem e cultura*, apesar de possuir um conteúdo antirracista, afirmava que esses aspectos são independentes e juntamente com Boas, corroborou a ideia de que havia raças inferiores, além de considerar que toda cultura tem algo que pode ser aproveitado para a humanidade como um todo, “Uma cultura não é uma simples justaposição de traços culturais, mas uma maneira coerente de combiná-los.” (Apud: 1999: p. 77)

Margaret Mead, uma antropóloga americana que estudou alguns povos e tentava aplicar à sociedade americana os conhecimentos adquiridos sem seus estudos, tais como, educação, direitos da mulher, sexualidade, entres outros, publicou diversos trabalhos e colaborou com algumas revistas de antropologia. Ela afirmava que a cultura possui um caráter globalizante, postura criticada pelos franceses. Os mesmos franceses que seriam anos mais tardes, um dos povos mais atingidos por essa globalização, tendo dado abertura para seus ex-colonos e mudando a face cultural da França.

Para Mead, a maneira como o indivíduo recebe sua cultura e as consequências que isso traz para sua personalidade foi o foco de sua pesquisa, o processo de transmissão cultural e socialização do indivíduo explicam os aspectos dominantes de sua personalidade. Com estudos realizados na Oceania, ela apresentou, por exemplo, as personalidades femininas e masculinas não mais como universais, vistas comumente como características biológicas, mas apresentou em culturas estudadas, como essa personalidade varia de acordo com a educação recebida, tornando frágeis os conceitos de masculino e feminino até então estabelecidos, conceitos que segundo a autora teriam uma carga de estigmas. Para ela, existia um vínculo entre modelo cultural, método de educação e tipo de personalidade dominante, mas que cada ser era único, apesar do que

recebia culturalmente, fenômeno que chamou de processo de inscrição da cultura no indivíduo.

Lévi-Strauss fundador da corrente estruturalista da Antropologia trouxe da Linguística a abordagem que serviu de ponto de partida para os seus estudos, em que um conjunto estruturado e organizado de sistemas, define práticas e fatos humanos, ou ainda, existe relação entre os fatos e as estruturas que os envolvem. As manifestações e expressões de uma determinada sociedade, seus fundamentos e padrões são significados produzidos a partir de estruturas profundas que explicam nossos atos. Considerado mais como um método de análise do que propriamente uma corrente, o estruturalismo apresentou com Lévi-Strauss os estudos dos mitos e dos antônimos para fundamentar seu pensamento. Para ele, a visão histórica da civilização ocidental como privilegiada e única não era inaceitável, enfatizava que a mente selvagem é igual à mente civilizada, sendo assim, as características humanas são as mesmas em toda a parte. E os seus estudos realizados no Brasil e em tribos indígenas na América do Sul e América do norte comprovavam isso, em suma, a importância dada ao ser humano por tantos estudiosos tinha em Lévi- Strauss algo de contestável, depois de tantos estudos declarou que o mundo havia começado sem os seres humanos e que iria terminar sem eles, por isso desejava que estes, tivessem um pouco mais de respeito pelo mundo.

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. No primeiro plano destes sistemas colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas buscam exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e mais ainda, as relações que estes dois tipos de realidade estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem uns com os outros.

### **2.1.1. Aculturação**

Com os estudos das culturas e dos princípios universais de cultura, houve o aprofundamento sobre essa noção. Isso abriu caminhos para novos avanços teóricos e o estudo das relações entre culturas e a renovação de seu conceito.

Os processos que envolviam a troca de traços culturais despertou o interesse dos antropólogos difusionistas - o Difusionismo é a teoria que discute o desenvolvimento das culturas a partir dos pressupostos de que todos os avanços ou inovações teriam sido

iniciados numa determinada cultura e a seguir difundida para as demais por meio de imitações, trocas, negociações ou ajuntamento, sendo que essa difusão seria aplicada aos aspectos religiosos, artísticos, alimentares, linguísticos, etc. Mas foi a aculturação que mais contribuiu para a melhor compreensão dos mecanismos de cultura. Esse termo que para a Antropologia não possuía caráter positivo ou negativo, descritivo, bem diferente da Etnologia que dotava as trocas culturais com um significado carregado de julgamento e valores, sendo o resultado dessas trocas benéficos ou maléficos dependendo dos contextos envolvidos.

Esse conceito que distinguia a mudança ou transformação da cultura, estabelecia que essas mudanças poderiam resultar de causas internas, externas sem serem confundidas com a assimilação, que é um processo pelo qual ocorre o desaparecimento total da cultura de origem de um grupo e na interiorização completa da cultura de um grupo dominante. A definição de aculturação proposta pelo Conselho de pesquisa em ciências sociais dos Estados Unidos da América em 1936 assim determinava:

A aculturação é o conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos e indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos culturais iniciais de um ou dos dois grupos. (CUCHE:123)

Para Roger Bastide (1989), professor da Sorbonne e pesquisador que se destacou pelas obras produzidas que tratavam de culturas da América latina, sobretudo brasileiras e culturas africanas, a abordagem da aculturação foi renovada em diferentes trabalhos, sendo que o primal partia do princípio que o cultural não pode ser estudado separadamente do social. As relações culturais não podem permanecer iguais quando sua base é rompida de alguma maneira, seja a partir de qualquer processo, enfatizou que a aculturação produz consequências que não se pode prever, tanto do que é mantido como do que sofre a aculturação, resultando em muitos casos em um novo tipo social, que se afasta do tradicional, mas que também não se identifica completamente do modelo dominante. Como exemplo, Bastide citou a colonização que introduziu nas sociedades tradicionais africanas a moeda, que resultou na transformação dos sistemas econômicos anteriormente baseados em distribuição e trocas, alterando até a maneira de arranjos matrimoniais, tornando os casamentos que eram tradicionalmente arranjos sociais em arranjos puramente econômicos.

Os fatos que produzem a aculturação, são na verdade, fenômenos sociais totais, que atingem todos os níveis de realidade social, não ocorrendo de forma parcial, o que traz invariavelmente efeitos desestruturadores ao longo dos anos em qualquer cultura.

### **2.1.2. Contracultura e subcultura**

Lévi-Strauss apoiou sua pesquisa no método da análise estrutural da linguística e contribuiu muito para o surgimento dos termos contracultura e subcultura. Contracultura pode ser definida como um conjunto de valores e costumes que colidem com os valores da sociedade já estabelecidos, ou ainda, projeto alternativo ao padrão cultural dominante, seria a tentativa de empregar pensamentos, maneiras de agir e hábitos culturais diferentes, que ao serem instalados, originariam outras culturas capazes de se contraporem às dominantes.

A subcultura por sua vez, pode ser definida como conjunto dos elementos culturais específicos de dum determinado grupo social, como uma espécie de micros grupos que pode coexistir pacificamente na sociedade ou constituir uma cultura que destoa do padrão dominante. Algumas vezes são impostos por grupos que têm influências sócio-políticas e econômicas decisivas, e dessa forma, tentam implantar seu modo de pensar e agir. Também pode ocorrer de forma espontânea com comportamentos simbólicos e linguísticos muito específicos, íntimos e pessoais. O processo de surgimento de uma subcultura ocorre quando suas ideias e práticas cativam e estimulam membros de outros grupos a reconhecer e a integrar grupos deste gênero de forma positiva ou de forma negativa, quando entram em choque com os valores e práticas culturais dominantes da sociedade.

## 2.2. A noção de Identidade nas ciências sociais

Quanto ao conceito de identidade temos que adentrar em mais um terreno complexo, que não conta com uma padronização de definições dentro dos estudos sociais e nem na literatura. Não há unanimidade, porém em linhas gerais, há uma concordância de que identidade é estreitamente ligada à cultura e que por isso pode ser conceituado como a representação de sentimentos de um grupo de uma determinada cultura. É um conjunto de traços que caracterizam ou identificam um sujeito ou um grupo de sujeitos, muito mais flexíveis que os traços culturais. É impossível fazer julgamentos e oferecer afirmações conclusivas sobre as proposições teóricas, o que nos dá dessa forma, uma difícil tentativa de delimitar conceitualmente o tema (HALL, 2006: 8). Partindo de três concepções de identidade diferentes, o autor introduz o assunto para situar sua posição de que há uma crise de identidade e que as mudanças globalizadas no mundo moderno estão abolindo as identidades que tínhamos antes, bem definidas ou pelo menos delimitadas. Para começar seu discurso foca na mudança sólida das concepções vigentes de identidade que estão culminando com o surgimento de uma nova noção do termo.

O que temos em discussão é que o conceito de Identidade pode ser bidimensional, quando trata da identidade individual e da identidade coletiva, e ainda, múltiplo, quando levamos em consideração que as identidades não são fixas, mas, fragmentadas. As identidades na modernidade põe em questão uma série de certezas, tornando seu conceito um problema. (KELLNER, 1992 p. 143).

O conjunto de definições identitárias funciona como um sistema que classifica as posições de cada grupo. Existe um poder simbólico que faz reconhecer como fundamental as categorias de representação social e seus próprios princípios de divisão do mundo social, podendo fazer e desfazer os grupos. Segundo essa definição, são classificados como grupos étnicos todos aqueles que não fazem parte originalmente do grupo de base que forma aquela categoria social que representa o poder simbólico.

Compreender identidade seria de forma sintetizada entender que várias identidades podem andar juntas, ou seja, cada modelo seja moderno, seja tradicional, é capaz de participar da formação de uma identidade, vários modelos podem coexistir, mesmo quando antagônicos.



Nesse t3pico procuramos trazer um panorama dos v3rios conceitos de cultura e de identidade a partir da Antropologia cultural e da Sociologia. Um breve resumo do entendimento desses conceitos para contextualizar nossa pesquisa. Nos pr3ximos t3picos, traremos tamb3m de forma abreviada, a s3ntese sobre a Fran7a e sua cultura e a Arg3lia, com o objetivo de introduzir a an3lise da obra em quest3o, j3 que se trata de pa3ses de culturas completamente diferentes, sendo uma cultura de base ocidental e outra de base oriental.

### **3. Dois mundos, várias culturas, várias identidades**

O contato cultural entre franceses e argelinos que começou com a colonização, em 1830, em que franceses chegavam à Argélia, teve uma duração de mais de um século e um prolongamento que ocorreu com a descolonização. Quando as ex-colônias francesas iniciaram seu processo de libertação da metrópole, surgiu o movimento contrário, em que os antigos colonizados de toda a África chegavam à França com suas famílias para recomeçarem, ou começarem em alguns casos, uma nova vida.

Esse movimento de ida e vinda que acontece até hoje, transformou e continua transformando as culturas dos dois países e modificando os paradigmas de identidade desses povos, que já não possuem marcas tão rígidas de identificação quanto possuíam no início dessas trocas culturais.

Nos próximos tópicos, introduzimos uma ligeira descrição das culturas dos dois países abordados no trabalho apenas como contribuição e compreensão das diferenças básicas das duas nações que tem hoje fortes laços culturais, laços criados ao longo do tempo de contato estabelecido entre esses povos.

#### **3.1. A Argélia e sua um pouco de sua cultura**

A Argélia é um país africano cuja maioria da população se concentra na parte norte. Sua população é formada por árabes, berberes natos e (tuaregs, kabiles e mozabitas) e os berberes já arabizados. Os árabes procedem das invasões históricas e se concentram principalmente nas cidades. Os berberes são mais dedicados à agricultura e criação de gado. Os tuaregs são pastores e nômades e os negros Harratim, descendem de escravos e pastores nômades e vivem na parte sul.

Os tuaregs e sua sociedade tradicional tem deixado muito de sua cultura. Suas mulheres desempenham um papel muito importante no mundo islâmico, sua principal característica é não usar o véu, os homens por sua vez, costumam usar um turbante azul ou branco na cabeça.

Os kabilas, como os berberes, são acolhedores e se destacam nas artes artesanais com madeira e tecido.

As deslumbrantes paisagens argelinas inspiram aventuras como a exploração dos desertos, com suas belas planícies, montanhas, magníficos oásis e um sol causticante,

apesar do país possuir um vasto litoral, com praias e enseadas. O valor histórico e paisagístico conta com ruínas espalhadas pelo país que despertam o interesse pela arqueologia.

A culinária também é outro ponto a ser considerado na vasta cultura argelina, com variados pratos típicos e com mercados disponíveis para se achar tudo o que se procura. Quanto às bebidas, além do chá, água mineral, cerveja, sucos, aprecia-se o vinho, que faz parte dos produtos importados pela Argélia, e além disso, uma curiosa bebida que é o licor com pele de cebola.

O país possui uma única TV estatal que transmite programas de auditório ligados à tradição do país, quase sempre programas religiosos ou que tenha ligação com a religião, mesmo se tratando de outros costumes, o que causa grande problema de choque quando se opta por assistir uma programação estrangeira, pois, apesar de haver certa liberdade na economia, não se tem ainda a liberdade no que concerne ao entretenimento argelino, muito pautado pelos costumes. O fascínio dos argelinos por culturas diferentes talvez seja o motivo para não haver essa liberdade, o que causa, por exemplo, medidas extremistas como a que um casal argelino não pode ficar a sós em um ambiente. Completamente contrário ao que se vê na cultura de outros países, o mundo pela televisão desperta a curiosidade dos argelinos, Isso provoca mudanças que podem fugir ao controle da tradição, e em alguns casos, se ouve que Deus pode interferir com castigos como corta o sinal de algum canal. A mudança do mundo, da língua não pode ir tão longe a ponto de esquecerem-se do que são.

Como todo país de tradição islâmica, a Argélia tem onze dias menos que o calendário ocidental, por isto as festividades islâmicas cada ano se adiantam onze dias. Também são diferentes os anos islâmicos pois eles contam a partir da fuga de Mahomé a Medina no ano 622 d.C. além de que, a posição da lua mudam as datas reais. Suas principais datas comemorativas são: Ras al Sana, dia de Ano Novo; celebra-se o dia 1 de Moharram. Mulid al Nabi, Aniversário do Profeta Mahomé; o dia 12 de Rabi al Awal. Durante todo o ano se organizam festas que têm a finalidade de atrair os turistas, como os Festivais da Primavera em Biskra, Djanet, Gharaiia e Timimoum durante os meses de março e abril. De março a maio têm lugar o Festival do Tomate, em Adrar; o Festival da Cereja, em Tlemecén; o Festival do Tapete, no Oued; e o Festival do Velho Ksar, no

Golea. Em maio celebra-se a Feira Internacional de Argél. E finalmente nos meses de dezembro e janeiro, o Festival Folclórico de Tamanrasset.

A religião na Argélia também é repleta de história e de personalidades, o cristianismo chegou à Argélia ainda no século I d.C., e alguns dos mais proeminentes teólogos da igreja primitiva vieram desse país, como Tertuliano, Cipriano e Agostinho. Disputas, revoltas berberes e ataques dos vândalos enfraqueceram a igreja argelina no século V. Já no ano 700, a invasão dos exércitos islâmicos reduziu a igreja de maneira significativa, mas a chegada dos colonizadores franceses, no início do século XIX, permitiu um rápido crescimento. No entanto, com a saída dos franceses do país, a igreja novamente entrou em grande declínio. Atualmente, cerca de um terço dos cristãos da Argélia são estrangeiros. Apesar de haver milhares de cristãos argelinos, eles representam menos que 0,5% da população e organizam cultos em reuniões secretas nos lares.

Por conta disso, existe um quadro de perseguição religiosa na Argélia, O islamismo de tradição sunita é a religião oficial do país e testemunhos cristãos não são permitidos. Com frequência, trabalhadores cristãos são ameaçados e atacados por extremistas, muitos sendo martirizados. Talvez o caso mais notório na história recente seja o sequestro e assassinato de sete monges trapistas por muçulmanos fundamentalistas. Estes monges viviam e ministravam na Argélia desde a II Guerra Mundial.

É provável que em um futuro próximo a Argélia consiga estabelecer um acordo de paz com os revoltantes. Mesmo que não consiga eliminar todos os conflitos, uma grande parte deles acabará. Não se pode afirmar que o fim dos conflitos trará liberdade de evangelização para os cristãos argelinos. O mais provável é que eles continuem sendo uma minoria perseguida pelo menos durante as próximas décadas, até que a percepção geral do cristianismo como religião estrangeira seja de alguma forma diminuída.

### **3.2 A França e sua cultura ocidental**

A França é um dos países mais visitados no mundo, conhecido não só pelas belezas arquitetônicas que possui, pelas paisagens históricas e exuberantes, devemos à França grandes nomes das artes, literatura, ciências, e do pensamento filosófico que nortearam o mundo em várias épocas ao longo de sua existência. Além disso, a França tem como símbolo sua diversidade cultural e sua capacidade de conviver com as diferenças, o que a torna para o resto do mundo, o ícone dos direitos humanos e do cidadão.

Muito embora seja esse o pensamento universal relação aos franceses, basta olhar com mais intensidade, que seremos capazes de ver os problemas que esse país tem enfrentado ao longo de sua história são muitas vezes mascarados pelo status que esse país possui de estado democrático de direito, tornando –se isso quase que um mito. É sim, um país democrático, com muitos direitos, mas, é também um país que carrega ainda muitos preconceitos e que enfrenta as desigualdades de maneira que não contempla as expectativas de democracia verdadeira e nem de direitos em sua totalidade.

A luta dos franceses pela estabilidade financeira e econômica tem afetado seus princípios, o país que já foi o berço da revolução mundial, que derrubou a aristocracia dominante e levou ao mundo o legado da igualdade, da fraternidade e da liberdade, foi também o país que durante quase quatro séculos colonizou outros países e impôs aos vários povos sua cultura e seu modo de vida, somente na África , cerca de vinte países conviveu com o domínio francês até o século XX.

Apesar disso, a França conseguiu se estabelecer como país que respeita a diversidade, seja ela em qualquer âmbito, na religião, por exemplo, podemos considerar que diferentemente de suas ex-colônias, a liberdade religiosa faz parte desse “mito”. Oficialmente a França é um estado laico, e por isso, os símbolos religiosos são proibidos em estabelecimentos públicos assim como quaisquer manifestações religiosas por parte dos que representam o poder público. De maneira geral, na França se pratica várias religiões, para fins de dados estatísticos, 64% de sua população é católica , 27% se consideram ateus , 3% são de muçulmanos , 2,1% são protestantes e 0,6% são judeus.

Historicamente a França é um país católico e com as várias influências sofridas por conta da colonização, ajudaram a diversificar a face religiosa do país. Apesar disso, não há choques religiosos, pois o direito de praticar qualquer religião se estendem a todos.

Em outros aspectos a França consegue manter os níveis de país europeu considerado rico e bem sucedido. Tem bons índices de educação, possui boa capacidade de gerenciamento econômico e financeiro e mantem boas relações com os demais países, tanto os europeus como outros.

Sua diversidade cultural, tão celebrado por todo o mundo , é hoje o reflexo das misturas de povos ao longo de sua história. Hoje, é quase impossível dizer o que tipicamente francês como é difícil dizê-lo a respeito de qualquer outro país. O que tradicionalmente pertencia à cultura francesa, está espalhado pelo mundo. Com o advento da globalização e da era digital, em que quase todos têm acesso a rede mundial de computadores, podemos facilmente utilizar, assistir, comprar e usufruir da cultura do mundo inteiro.

#### 4. Os conflitos de identidade em *Os frutos da dor*

Em *Os frutos da dor*, as marcas de conflito tomam conta de toda a obra, chamando a atenção desde o início da narrativa de Nadia, personagem central, para quem os impactos parecem despontar com maior peso. Pois Nadia representa a transposições de gerações, é filha de argelinos, mas é filha da França. Ela é a esperança da geração de seus pais, argelinos que foram para a França e almejam que seus descendentes sejam melhores sucedidos que eles, e que sejam capazes de manter a tradição familiar e religiosa intactas. Ela é também a representante da nova geração que se forma, que luta e anseia pela vida melhor e deseja fazer parte da comunidade em que vivem mesmo que precisem criar uma nova tradição. É uma geração que sofre porque não deseja uma mudança que os distancie completamente de seus pais imigrantes e nem completamente de seus agora compatriotas franceses. Em um fala de seu pai, Nadia descreve o sentimento de exclusão, de não pertencimento, de revolta:

“A França deu um jeito de agravar nossos defeitos, queria-nos submissos, resignados. Terminada a guerra da Argélia, não nos aceitou realmente. Toda nossa infelicidade vem da França”. (...) Debulhava-se em lágrimas por causa da vida, lágrimas de nojo pelo que se tinha tornado, ele, desde que desembarcara na França cheia de esperança de uma vida melhor. Mas será que realmente estava na França? Levava a própria terra, o *bled*<sup>1</sup>, para qualquer lugar. (2000: 49,50)

As marcas de conflito seguem com todos os demais personagens, que traz o pai de Nadia, um sujeito amargurado pelos acontecimentos. Aceitava os costumes árabes, deixou que uma filha se casasse com um árabe legítimo e com todos os rituais da tradição, e ao mesmo tempo declarava que Nadia poderia fazer o que quisesse de sua vida, desde que não chorasse em seu ombro. E isso num momento em que ela declarava que seria uma mecânica, justamente para dar ordens aos homens. O que seu pai afirma não é nem um pouco próximo da ideia do pensamento do homem de tradição árabe, pelo contrário, é um pensamento típico do mundo ocidental: “Faça o que quiser. Você não me dará nenhum tipo de preocupação. É melhor que seus irmãos, que acham que tudo lhes é permitido desde que lhes disseram que são homens.» (2000: p. 5)

---

<sup>1</sup> Bled: vilarejo da Argélia (NT)

Os demais personagens vivem os mesmos dramas de sua família, entre tradições e rituais argelinos islâmicos e a condição atual de imigrantes, ou filhos de imigrantes. O desenrolar de cada membro dessa comunidade segue com os

Estamos fritos. Desorganizados. Sem programa nem projeto. Estamos prestes a ser notados pelos vigias e pela polícia. Reagrupam-se as famílias em monturos, e depois são esquecidas com se esquece duma roupa suja jogada em cima da cama. Eles que se virem. Isso já não é problema nosso. Fazem filhos? E daí? Esses filhos são malcriados? E daí? São mal recebidos na escola? E daí? Não tem onde brincar? Isso não é da nossa conta! Quebram tudo? Vamos quebra-los . Resmungam? Batamos neles. Queimam carros? Metamo-los no xadrez. Reincidem? Expulsemo-los. Você diz que são franceses? Não o são verdadeiramente. Não têm dinheiro? Nós também não. Mandemo-los de volta. Que se ocupem de cabras e dos bodes! Não falam a língua francesa? A culpa é dos velhos. Por que estão aqui? A culpa é de Gaulle. (2000:42)

A situação dos imigrantes se torna tão crítica que é criada uma associação que tinha em Nadia sua legítima representante. Aos vinte e quatro anos, lhe foi proposto concorrer às eleições cantonais, ideia que trazia repulsa a Nadia ao mesmo tempo em que se mostrava como uma chance de não fraquejar e deixar as coisas no estado vigente. A derrota nas eleições , no entanto, trouxe a Nadia a clareza de que tudo era muito difícil, e que ela não poderia se dar ao luxo de não vencer em outras áreas de sua vida, pois em seu conflito particular de representar seu grupo, os filhos de imigrantes, havia o sentimento contraditório de que os árabes eram perdedores, desfigurados, indisciplinados e que não avançariam graças ao seu próprio modo de vida.

#### **4.1 O mundo árabe versus mundo ocidental**

Na obra de Tahar Ben Jelloun, é comum personagens do mundo árabe com todas as características que compreendem esse universo, personagens impregnadas de mistérios e superstições que alimentam o imaginário daqueles que não conhecem este mundo. São comuns também personagens que não respondem as expectativas que se esperam de um escritor com uma forte ligação com o mundo árabe. A influência de uma cultura que surgiu nos movimentos de independência do Magreb, se mostra em personagens ligados ao mundo ocidental, que lida com problemas do mundo ocidental e que não se diferencia de nenhum habitante do mundo.



A temática de saudade da pátria e dor pela distância de suas origens, no entanto, é muito marcante, não importando o tipo de personagens que apareça obra. O autor traduz o drama social dos exilados, dos imigrantes, dos que se encontram distante do seu mundo, mas sem se preocupar em tomar partido de uma causa, apenas contando, dando à narrativa, sentidos que não se conseguem numa conversa ou numa reportagem, o sentimento de quem participa da história, e situando os que estão de fora num ângulo capaz de causar impactos na sensibilidade de quem ler.

Todo escritor é uma testemunha do seu tempo e da sua sociedade, necessariamente. Mas não uma testemunha passiva que se limita. Não se limita a contemplar. Eu tento compreender determinada realidade e traduzi-la - sou uma espécie de tradutor em certo sentido - e recriá-la na esperança de que mude para melhor. (Carlos Vaz Marques, DNA, 2005-11-18)

O que se vê habitualmente retratado do universo muçulmano por tantos autores, de tantas maneiras, sobretudo nas narrativas orais, permitem a formulação de um conceito a respeito dessa cultura que nem sempre faz jus ao que é real. Muitos mitos sobre a religiosidade, os rituais alimentares, o comportamento social, a sexualidade, o relacionamento entre homens e mulheres, entre pais e filhos, entre líderes religiosos e seus fiéis são criados. Nem sempre há por parte de alguns autores a preocupação de dar ao leitor maiores esclarecimentos acerca do que realmente é verdadeiro, ou mesmo verossímil, e embora haja espaço para todos os tipos de personagens em Ben Jelloun, há de certa forma uma desmistificação do árabe na medida em que o autor trata de questões que são relacionadas antes de tudo à humanidade. Seus personagens sejam eles marginais ou não, sejam oriundos de realidades sociais brutais ou de realidades amenas, sejam retratados no mundo árabe ou no ocidente, possuem todos eles conflitos humanos.

E são exatamente essas nuances que tornam sua obra instigante, uma mistura do real como imaginário que expõe as fraquezas humanas, mas também sua força, que denuncia as feridas sociais ao mesmo tempo em que anuncia a graça e a beleza da luta pela sobrevivência. A obra de Ben Jelloun se destaca dentre outras tantas qualidades pela habilidade que o autor tem de tratar das contradições, dos conflitos e da convivência entre o moderno e o tradicional, dos choques de cultura entre o mundo árabe e o mundo ocidental, do religioso e do não religioso. Além disso, nos coloca

diante desses conflitos e dessas dificultosas convivências a partir de narrativas que de forma objetiva e direta que não permitem uma leitura puramente deleitosa, pelo contrário, causa uma profunda reflexão nos sentidos de quem a lê. Com várias obras de temáticas regionais, Ben Jelloun consegue desvendar uma realidade global, pois muitos povos além dos muros do mundo árabe vivem esse tipo de conflito, notadamente aqueles que migram por diversos motivos. Assim, mesmo quando se trata de enredos especificamente regionais, o caráter macrocósmico retratado em seu universo literário é resultado da observação da humanidade como todo, pois o drama de não pertencimento dos povos que migram é universal.

## **4.2 Nadia**

Nadia é filha de argelinos da segunda geração de imigrantes que partiram para França depois da independência da Argélia. Como os demais filhos de argelinos luta pela sobrevivência. Com uma mãe extremamente supersticiosa e um pai amargurado pela perda de seus direitos e pela tristeza de viver numa realidade bastante dura para quem não era autóctone, ela convive com os hábitos árabes que insistem em resistir em meio os desafios da imigração.

Nadia inicia sua narrativa expondo os gostos e tradições trazidas da Argélia. Apresentando seu cunhado, um típico exemplar da cultura árabe, e sua irmã, modelo de fragilidade apreciada pelos seus ascendentes. Ela conta como teve sua triste experiência de recolher a roupa de cama de sua irmã no dia seguinte a sua noite de núpcias, uma tradição árabe. Com essa prática grotesca, Nadia dá início aos relatos de suas experiências e de toda a vida dos imigrantes envolvidos naquele contexto. Nadia não se conformava em ter que ser a responsável por essa tradição tão inútil sendo ela uma boa aluna, tinha ambições que iam além do esperado pelas tradições árabes.

Aí se inicia os conflitos de identidade de Nadia, ela sonha em ser mecânica e ir para Vancouver com sua irmã. Sua mãe acredita que isso era praga de uma vizinha. A partir desse início tumultuado, os tormentos de Nadia se desenrolam. Ela vive em dois mundos: em casa, com mãe supersticiosa e que pretende manter as tradições árabes, com uma irmã que sucumbiu aos costumes da família, com um pai que a apoia, mas, que não pode ele mesmo dar segurança e esperança de uma vida futura mais confortável, com irmãos que seguem o curso dos demais imigrantes argelinos e com

toda sua comunidade de imigrantes como ela. E numa França que não lhe pertencia, completamente perdida como todos os demais argelinos.

Nadia se vê desde cedo se encarregando de missões. No início, gostaria de tirar sua irmã da vida medíocre que levava ao se casar com um marido exatamente como os “árabes gostavam”, queria uma profissão em que poderia dar ordens aos homens e contrariar o que se esperava para ela, uma mulher filha de imigrantes. Quando tentou salvar a casa de sua família enfrentando a prefeitura era ainda uma menina e estudante de uma escola de periferia. Sua trajetória é de luta e de não concordar com a situação de sua comunidade. Apesar de não poder fazer nada de concreto para mudar, percebemos em Nadia uma inquietação de quem não se conforma, de quem não aceita o estado das coisas.

Sua narrativa dá a visão geral de todo conflituoso convívio dos imigrantes com a nova nação francesa, da busca incessante da identidade, pois nem ela, Nadia, e nem sua comunidade estavam à vontade com suas posições sociais. Estavam presos num ciclo que começava com a imigração e jamais avançava para um *locus amoenus*.

Eu não entendia, seus filhos muito menos, porque por então tudo se aviltava ao nosso redor, ninguém se preocupava com o que iríamos tornar-nos. Viam-se chegar carros repletos de crianças, utensílios, às vezes até aves. A Argélia em peso se mudava. Por pouco não arrancaram as oliveiras pra replantá-las em *Sarcelles* ou em *Poissy*. E eles se preocupavam em saber se o animal cuja carne comiam havia sido degolado segundo a tradição. Mas as crianças que tinham trazido ou que iriam fazer estavam consagradas à desordem, á degradação precoce.(2000: 50)

Nadia sabia que não pertencia a nenhum dos mundos, estava ligada ao seus pais e suas raízes, mas ela mesma não conseguia lidar com seus sentimentos quando se tratava da convivência com seus familiares, seus amigos e seus relacionamentos amorosos. Era constantemente acusada de não querer se relacionar com os rapazes de seu bairro. Seu namorado pertencia ao seu mundo de filho de imigrantes, mas era de uma família italiana, europeia portanto. Sendo assim, ela se afastava de seu mundo, sem sair completamente dele.

### 4.3 A família de Nadia

Nadia é um caso particular na comunidade, seu pai, era o contrapeso de uma tradição carregada demais para ela, era um homem com ideias modernas. Com menos de vinte anos havia substituído seu avô na fábrica *Renault*, sentia orgulho por trabalhar na montadora, tinha o objetivo de dar descanso ao pai e dar “um jeito” em sua própria vida. Com um sentimento que parecia de um indivíduo disposto a carregar a identidade francesa, o pai de Nadia despontou como um exemplo de conflito de identidade. Foi dele que partiu a sugestão para que a mãe de Nadia usasse a pílula contraceptiva, e que a irmã de Nadia deveria ter seguido seus estudos ao invés de ter-se casado tão jovem, além de não apreciar as conversas sobre religião e preferir beber cada vez que o tema era evocado por sua mãe. Apoiava as ideias de Nadia em se tornar mecânica e sugeria contrariando os costumes que davam aos homens o poder de fazer tudo pelo fato de apenas serem homens. Com esse pai, Nadia aprendeu a não se calar diante das adversidades, e foi assim que lutou pela casa construída por ele que seria derrubada pela prefeitura. Marcou uma audiência com o prefeito e tentou dissuadi-lo com argumentos sócio-políticos, surpreendendo o prefeito e ao mesmo tempo afrontando-o, o que fez que sua casa fosse mais rapidamente destruída e sendo obrigada ela e a família viverem num conjunto habitacional com os demais imigrantes.

Por fim morreu em consequências das feridas que o atormentavam durante sua vida, sobretudo aquela causada pelo prefeito da cidade que nutria um ódio pela Argélia, sucumbira ao fato de simplesmente não ter direitos naquela terra que deveria tê-lo acolhido, “seu corpo era saudável, a honra e o orgulho não”.

Sua mãe, no entanto, apresentava conflitos que se restringem mais a localização, pois trouxe consigo os costumes e superstições das quais não abria mão, respondendo a tudo e a todos com o veemente «isso é proibido pela religião»! Temia as terças-feiras como quem teme uma maldição. Tudo o que ocorria de mal nesse dia, não estava ligado ao curso natural das coisas, mas pela sua lógica supersticiosa, era o peso do dia amaldiçoado, como o acidente com o irmão mais novo de Nadia, Titom. Além das terças-feiras, temia o mau agouro das pessoas invejosas, atribuindo aos vizinhos muitas de suas mazelas familiares.

Não possuía grandes ambições, gostaria que Nadia fosse uma boa menina e que tivesse uma família, mas não via nela um futuro que levasse a isso, via Nadia como o homem da casa, alguém que jamais formaria uma família, pois estava envolvida demais

com os problemas dos outros . Não conseguia compreender o porquê de alguém se dedicar tanto aos vizinhos, aos amigos e deixar sua própria vida.

#### **4.4. A comunidade de Nadia**

Se a família de Nadia não era o modelo ideal de identidade cultural, o que dizer de sua comunidade? Seus vizinhos tinham muitos mais razões para viverem esse drama, pois além de tudo, não tinham o pai de Nadia, capaz de compreender e de esperar algo melhor para sua família. Aqueles que não viam futuro para seus filhos nas periferias da França, tratavam de tentar voltar aos costumes kabilas, como o pai de Yamina, Kbirra e Rosa, três irmãs que foram levadas para o *Bled* sob a desculpa de passar férias e lá foram deixadas pelo pai com um tio a fim de recuperar os costumes e evitar a desonra da família, provocando o suicídio da filha mais nova, Kbirra.

Foi assim, que diante de seus olhos, Nadia viu muito de seus amigos sucumbirem ao inevitável, à marginalidade. Foi assim com Rachid, que praticava roubos, Kader, que não acreditava no trabalho honesto. Momo, que sonhava em ser músico mas não tinha forças para tentar realizar sonhos, preferindo acreditar em seu professor que dizia que ele sempre seria um árabe. Rezki, que amava um prostituta e imaginava que poderia viver um romance com ela, mesmo sabendo ser o impossível, um menino que odiava a escola porque sabia que a escola o odiava. Agnès, a prostituta dos sonhos de Rezki que “trancava-se com os cliente no banheiro por dez francos” e assim ia levando sua triste vida.

A contradição na comunidade de Nadia era tão absurda que aqueles que de alguma forma conseguiam se livrar do futuro maldito de ‘filhos de árabes’, não eram bem vistos pelos seus, por quem deveria apoiá-los, como aconteceu com Naïma, que se tornou um modelo e foi rejeitada pelo pai, pois para ele, ela havia morrido, preferia tê-la enterrado a viver com a vergonha de ter uma filha estampando capas de revistas e anúncios publicitários.

Nadia suportou o assassinato de alguns membros de sua comunidade que não resistiram às pressões sociais e se entregaram ao radicalismo religioso, às drogas, ao crime, à prostituição. Mas não podia suportar a monstruosidade da atitude do pai de Naïma, pois nos poucos exemplos que se tinham de sucesso, a cegueira dos princípios e da moral não permitiam que isso se tornasse um triunfo. A esperança de Nadia e de seu pai, de verem surgir bons exemplos em Resteville<sup>2</sup>, para dar continuidade ao ciclo de

---

<sup>2</sup> Resteville: Bairro de imigrantes argelinos da periferia francesa.

vitorias, eram abafados por pais loucos e enfurecidos pela vergonha de terem perdido seus filhos definitivamente para o mundo ocidental, como se fosse possível viver longe da Argélia e carregá-la para sempre .

## 5. Conclusão

A vida dos personagens em *Os frutos da dor* é o resultado de vários processos que abrangem a formação cultural e de identidade. É o resultado das idas e vindas de uma geração que ainda não se adaptara ao ambiente. Se partirmos do pensamento de Lévi-Strauss, em que o conjunto de sistemas simbólicos que formam a cultura e expressam os aspectos da realidade física e da realidade social, observamos que nos personagens, ao se estabelecer a relação entre essas realidades, os sistemas simbólicos próprios que são gerados, já estão completamente impactados pelos conflitos sofridos no processo de formação. A comunidade de Nadia em busca de identidade vive no cotidiano todos os processos estudados pelos formadores dos conceitos de cultura e identidade, trazendo para a análise características da aculturação e contracultura, por exemplo.

Infelizmente eu mesma nunca mantive os olhos abertos. Fui atingida pela lucidez como atacada por uma doença ruim, incurável. A lucidez é dolorosa. Vemos as coisas exatamente como são, não como deveriam ser. E, se as vejo assim de forma tão clara, só aspiro às profundezas de um sono reparador. Se em sonho me vir em outro país, que não seja a França nem a Argélia, em outra cama ou numa casa flutuante vogando em curso d'água desconhecido, é porque a lucidez terá sido misericordiosa comigo. (2000: 69)

E é essa atitude de quem toma as dores dos outros que nortearão a vida e o amadurecimento de Nadia. É nesse contexto de salvadora que Nadia vai enfrentar os conflitos e representar toda uma geração que não se identifica com seus ascendentes e nem com sua pátria legalmente constituída. Nadia e sua comunidade são os frutos da dor do não pertencimento, da dor dos excluídos, da dor dos que eram árabes e franceses ao mesmo tempo, sem ser um e nem outro.

## . Referências bibliográficas

- AULETE, C. *Dicionário eletrônico*. Disponível em <http://aulete.uol.com.br/estruturalismo#ixzz2Xc6yp8IV>. Consultado em 18 de 2013.
- BEN JELLOUN, Tahar. *Os frutos da dor*. Rio de Janeiro. Editora Record. 2000.
- BASTIDE, Roger. *Antropología Aplicada*. Buenos Aires: Amorroutu editores, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Arte e Sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- COUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 1996.
- DURKHEIN, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- ESQUER, Gabriel. *Histoire de l'Algérie, 1830-1950*. Paris: Presses Universitaires de France, Collection Qui soit-je ?, 1950.
- FERREIRA, Cláudia Felícia Falluh Balduino. *As Estratégias do Sentido: vozes e temas em "L'enfant de sable", de Tachar Ben Jelloun*. 1992. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 1992.
- \_\_\_\_\_. *As cicatrizes do Atlas*. Brasília, 2007.
- FLORES, M. *Identidade Territorial como Base as EstrategiasDesenvolvimento.pdf*. Disponível em <http://indicadores.fecam.org.br/uploads/28/arquivos/4069>. Consultado em maio de 2013.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. 20ª Ed. São Paulo. 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.
- <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0030-2.pdf>. Consultado em 28 de junho de 2013.
- <https://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/912/1117>. Consultado em 26 de maio de 2013
- [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092001000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000200012). Consultado em 26 de junho de 2013



<http://ccs.ufpel.edu.br/wp/wp-content/uploads/2011/07/a-producao-social-da-identidade-e-da-diferenca.pdf>. Consultado abril de 2013

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_Argelia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Argelia). Consultado em junho de 2013.

[http://www.cavalodeferro.com/index.php?action=manufacturer\\_info&manufacturers\\_id=3](http://www.cavalodeferro.com/index.php?action=manufacturer_info&manufacturers_id=3). Consultada em março, abril e julho de 2013.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.

LÉVY-BRUHL, Lucien. *A mentalidade primitiva*. São Paulo: Paulus-Estudos Antropológicos. 2008.

LÉVY-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: TB Tempo Brasileiro edições. 1989.

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.